

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

**EMMANUEL DA SILVA APPEL  
JORGE ANTÔNIO DE OLIVEIRA JÚNIOR**

**ATIVIDADES DA ESCOLA NOVA  
E A RELAÇÃO COM A ARQUITETURA DE SEU ESPAÇO FÍSICO**

Anápolis  
2012

**EMMANUEL DA SILVA APPEL  
JORGE ANTÔNIO DE OLIVEIRA JÚNIOR**

**ATIVIDADES DA ESCOLA NOVA  
E A RELAÇÃO COM A ARQUITETURA DE SEU ESPAÇO FÍSICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial à aprovação no curso de Especialização em Docência Universitária sob orientação da Prof<sup>a</sup> Ms. Joicy Mara Rezende Rolindo.

Anápolis  
2012

**EMMANUEL DA SILVA APPEL  
JORGE ANTÔNIO DE OLIVEIRA JÚNIOR**

**ATIVIDADES DA ESCOLA NOVA  
E A RELAÇÃO COM A ARQUITETURA DE SEU ESPAÇO FÍSICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial à aprovação no curso de Especialização em Docência Universitária.

Banca Examinadora

.....  
Prof<sup>a</sup> Ms. Joicy Mara Rezende Rolindo – PUC-GO  
Orientadora

.....  
Prof<sup>a</sup> Esp. Aracelly Loures Rangel - FCA  
Convidada

.....  
Prof. Artur Vandré Pitanga - FCA  
Convidado

Nota:.....

Anápolis, ..... de .....de 2012.

## ATIVIDADES DA ESCOLA NOVA E A RELAÇÃO COM A ARQUITETURA DE SEU ESPAÇO FÍSICO

Emmanuel da Silva Appel<sup>1</sup>

Jorge Antônio de Oliveira Júnior<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender a relação entre as atividades desenvolvidas na Escola Nova com o espaço arquitetônico que as abrigam. Para isso, faz-se um apanhado geral sobre o que caracteriza o movimento escolanovista, em seu contexto histórico e político. A partir daí, toma-se quatro exemplos de edifícios educacionais vinculados à Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), situadas no estado de São Paulo, a fim de analisar as suas particularidades arquitetônicas e correlacioná-las ao desenvolvimento pedagógico dos estudantes. Para isso, será necessário estabelecer a interdisciplinaridade com a pedagogia, através da pesquisa e da identificação das teorias dentro da história dessa disciplina, no que compete ao trecho do movimento e manifesto da Escola-Nova e da colaboração de Anísio Teixeira para a revolução da educação brasileira. Interdisciplinarizar também, em menor escala, a psicologia da arquitetura, que revelará os princípios e a relação entre a educação, o ambiente construído e o usuário, e o rebatimento no objeto de estudo, assim como estudar os arquitetos modernistas, como Hélio Duarte e Diógenes Rebouças, mais participativos na arquitetura escolar brasileira e também os influentes como Richard Neutra, e identificar os seus princípios de concepção e apropriação dos espaços escolares dentro dos caminhos do modernismo. A resposta obtida é coerente com os dados analisados: espaços simples, bem planejados e dinâmicos estimulam o aprendizado e criam novas possibilidades para estreitar o vínculo da sociedade com a escola.

**Palavras-chave:** Arquitetura moderna. Escolanovismo. Interdisciplinaridade.

### INTRODUÇÃO

Diferentemente da época da República Velha, em que a educação pública se limitava ao ensino fundamental, nos períodos subsequentes, essa visão foi alterada e houve uma maior preocupação quanto ao acesso democrático ao ensino público, afinal a ideia de escola como elemento transformador e formador da sociedade estava a desabrochar. É a partir deste contexto histórico que as ideias ligadas à educação e arquitetura são trabalhadas aqui.

---

<sup>1</sup> Graduado em Tecnologia em Gastronomia, pós-graduando em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis

<sup>2</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo, pós-graduando em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis

Inicialmente este artigo apresenta os princípios e fundamentos da Escola Nova e a origem do termo “escolanovismo”, como parte de um movimento transformador da educação. Existe aí uma crítica sobre os fundamentos da escola tradicional, onde o estudo comportamental do aluno o indica como uma agente passivo, que só recebe informação, e o professor como o único detentor do conhecimento. Em seguida, mostra-se o impacto deste conceito no processo educacional brasileiro. Nesse contexto destaca-se Anísio Teixeira, importante filósofo da educação e entusiasta da arquitetura moderna brasileira. Nessa linha, nota-se a associação entre o Movimento da Escola-Nova e o Movimento Modernista da arquitetura ocorrido desde seu início, deixam nuances de que ainda permanece.

São apresentados e analisados, sob o ponto de vista arquitetônico, quatro instituições educacionais construídas no Estado de São Paulo, como resposta aos novos caminhos da pedagogia, seguindo os ideais de Anísio Teixeira. Essas escolas são produtos arquitetônicos da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), que é responsável por diversos setores da educação designados pela Secretaria. Elas constituem um marco na implementação de um novo modelo de ensino e aprendizagem no estado de São Paulo baseado em unidades escolares com o objetivo de complemento da vida social das comunidades de baixa renda onde foram inseridos. Serão abordados os aspectos projetuais desses edifícios, que fazem deles mais do que meras escolas, aliando sempre a pesquisa os ideais da pedagogia e da arquitetura modernas.

Após todas as análises, pode-se perceber como um espaço físico coerente com a dinâmica educacional contribui para o maior aproveitamento das atividades pedagógicas, como detalhado no tópico chave do trabalho, que estabelece a relação interdisciplinar entre pedagogia e arquitetura. Os benefícios apontados ultrapassam o meio escolar e se refletem no desenvolvimento social.

## **1 PRINCÍPIOS DA ESCOLA NOVA**

No período que abrange 1890 e 1930 algumas experiências educativas de vanguarda passaram a se afirmar na pedagogia mundial, marcando-se pela distinção no método em vigor na escola tradicional. Impulsionadas pelas descobertas da psicologia, sobretudo no que trata a diferença entre o intelecto adulto e infantil, e pelas modificações que aconteciam nas castas sociais do

ocidente, tais experiências, inovaram fortemente o papel da escola e o seu perfil educativo que agora passa a ser acessível às classes mais populares.

Apesar de restritos a pequenos núcleos de educadores, esses experimentos provocaram um forte impacto, trazendo consigo uma série de pesquisas no campo da educação, que visavam modificar profundamente o campo escolar, não somente na sua estrutura institucional e organizacional, mas talvez, e mais fortemente, no aspecto ligado aos ideais formativos e aos objetivos culturais. A esse movimento foi dado o nome de Escola Nova, que pode ser definida como uma escola que acompanha as transformações humanas em conhecimento e comportamento, sendo

[...] responsável por uma significativa mudança na chamada educação tradicional, que por sua vez era muito rigorosa, disciplinar e centrada no universo conceitual dos conhecimentos, que eram concebidos fora de qualquer finalidade utilitária (MARTINELLI; SOUZA, 2009, p. 163).

O principal destaque da Escola Nova está no enfoque dado à criança, que é vista como um ser prestes a se desenvolver moral e intelectualmente, e que está numa fase em que os processos cognitivos acontecem atrelados à ação e o dinamismo não só motor, mas psíquico também. Para que possa expressar toda sua espontaneidade, a criança deveria então ser libertada dos vínculos da educação familiar e escolar, a fim de poder manifestar seus talentos inertes. Necessário se faz então, que esteja em contato direto com sua essência, com sua natureza; assim a criança pode fazer investigações, descobertas próprias e experimentações que desenvolverão em conjunto suas habilidades manual e racional. Colocando em cheque uma metodologia e conteúdo antiquado, a educação ativa prevê um desenvolvimento harmônico de todas as faculdades humanas, a fim de transformar a criança em um jovem capaz de cumprir todos os objetivos da vida.

A Escola Nova fundamenta-se, portanto, em descentrar o ensino do professor, que é visto como detentor do conhecimento (e passa a chamá-lo de educador), e centrar no aluno (educando). Os Escola-novistas repudiam o método tradicional, defendendo um ambiente participativo e um conhecimento embasado na colaboração de ambas as partes (educador e educando), para a construção do saber.

Essa fala fica claramente entendível quando toma-se as palavras de Lourenço Filho, que criticamente vê a escola tradicional da seguinte forma:

Nessa [a escola tradicional], o trabalho dos alunos se caracterizava por uma atitude de receptividade ou absoluta passividade: um professor que falava e discípulos que deveriam ouvi-lo em silêncio, imóveis, de braços cruzados. Em classes mais adiantadas, os alunos que tomassem notas ou seguissem pelos compêndios as explicações do mestre; depois, a conferência do que com isso fosse fixado, em definições, regras, classificações, números e datas. O ideal seria a reprodução automática sem qualquer variação, ou sem que permitisse a expressão de possíveis diferenças individuais. Dar a lição, tomar a lição – eis em que quase se resumia a didática tradicional (FILHO, 1978, apud DI GIORGI, 1992, p.15).

Para logo em seguida defender a Escola Nova:

A escola ativa, ao contrário, concebe a aprendizagem como um processo de aquisição individual, segundo condições personalíssimas de cada discípulo. Os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas que lhes sejam apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral, reais ou simbólicas (FILHO, 1978 apud DI GIORGI, 1992 p.16).

Tendo interesses que vão além do âmbito acadêmico, a Escola Nova visa formar cidadãos ativos em sua comunidade e, nutrindo-se de ideologias democráticas e progressistas, inspira-se em ideais de participação plena na vida social e política.

## **2 A ESCOLA NOVA NO BRASIL**

A educação pública no Brasil durante a República Velha se restringia apenas ao Ensino Fundamental, mas nos períodos subsequentes, essa visão foi alterada e houve uma maior preocupação quanto ao acesso democrático ao ensino público, afinal a ideia de escola como elemento transformador e formador da sociedade estava a desabrochar.

No Brasil, a renovação do modo de enxergar o caráter formador da escola passa a ser introduzida no final do século XVII, em instituições particulares que eram mantidas por educadores norte americanos. Segundo DI GIORGI (1992), “as primeiras manifestações do pensamento escolanovista<sup>3</sup> no Brasil datam da década

---

<sup>3</sup> Movimento originado nos fins do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, que contrário a pedagogia tradicional, propunha uma educação acessível a todos e que integrasse o indivíduo com a sociedade (FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 1998).

de 20". Isso se destacou após a ascensão de Getúlio Vargas, em 1932, com o Manifesto dos Pioneiros da Escola-Nova – com fundamentos do movimento escolanovista – estabelecido como um marco entre a educação conservadora e a educação progressista no país. Dentre as assinaturas do manifesto, estava a do baiano Anísio Teixeira, importante filósofo da educação que influenciado pelos ideais do pedagogo norte-americano John Dewey traçou o rumo do escolanovismo no país: a educação como instrumento importante para o processo de modernização do Brasil, onde o resultado de sua implantação seria o cidadão democrático:

Primeiro, a escola deve prover oportunidade para a prática da democracia – o regime social em que cada indivíduo conta plenamente como uma pessoa. Democracia na escola importa em democracia para o mestre e democracia para o aluno, isto é, um regime que procure dar ao mestre e aos alunos o máximo de direção própria e de participação nas responsabilidades de sua vida econômica.

Segundo, como democracia é acima de tudo o modo moral da vida do homem moderno, a sua ética social, a criança deve ganhar através da escola esse sentido de independência e direção, que lhe permita viver com outros com máxima tolerância, sem, entretanto, perder a personalidade (TEIXEIRA, 1954. p.p.40-41).

Mais tarde, após a queda do governo Vargas em 1947, Anísio Teixeira, secretário da educação vigente da Bahia, “elaborou o Plano Estadual de Educação Escolar que criou conceitualmente a escola-parque, ou seja, um espaço completo de formação educacional”, com um programa extenso que englobava o ensino, esporte, arte e cidadania em projetos que mesclassem “princípios modernos de arquitetura e idealismo social” (BASTOS, 2009, p.42).

### **3 ESPAÇO FÍSICO DE DESENVOLVIMENTO DA PEDAGOGIA DA ESCOLA NOVA**

Paralelamente à pedagogia, a arquitetura também passava por um processo de revolução. Iniciado na década de 1920, o Movimento Moderno foi um importante momento em busca de linhas retas e puras, criando formas geometrizadas que atribuíram uma nova configuração à paisagem urbana do país.

Dessa maneira, como forma de consolidar a proposta conceitual das Escolas-Parque, revela-se a afinidade de Anísio Teixeira com a arquitetura. Em parceria com ele, os arquitetos Diógenes Rebouças e Hélio Duarte possibilitaram a construção do primeiro exemplar dessas escolas, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, na Bahia



(TEIXEIRA, 1976). Devido ao êxito do Centro, iniciou-se com esse espírito de vanguarda, um grupo de trabalho que pudesse construir um conjunto dessas unidades escolares responsáveis pela disseminação da nova e completa demonstração da educação integral no Brasil.

Já em São Paulo, depois de ter atuado no Recife, no Rio e em Salvador, destaca-se Hélio Duarte, líder da Comissão do Convênio Escolar, entre 1949 e 1954, que possibilitou a disseminação da arquitetura moderna com uma abrangência até então desconhecida no cenário paulista. Esse convênio foi resultado do acordo entre a Prefeitura Municipal e o Estado de São Paulo, que se uniram para cumprir as determinações educacionais da Constituição de 1946. A primeira era responsável pela construção dos edifícios e o segundo por ministrar o ensino.

Hélio Duarte acreditava na concepção da escola como equipamento urbano, “como fonte de energia educacional, como ponto de reunião social, como sede das sociedades de ‘amigos do bairro’, como ponto focal da convergência dos interesses...” onde tudo poderia ser realizado (DUARTE apud FERREIRA, 1998. p. 28). Isso demonstra o aprendizado da aliança com Anísio e, juntamente com os demais arquitetos que aderiram ao Convênio, o engajamento social fundamental para a implementação dos edifícios como resposta aos novos caminhos da pedagogia. Houve também uma resposta psicológica que buscou resultados baseados na experiência cognitiva. Assim, a preocupação com a concepção espacial produziria “uma arquitetura escolar de maior qualidade, traduzida na interação entre educação, ambiente construído e usuário” (AZEVEDO, 2002, p.159). Acreditava-se que os espaços adequados influenciariam diretamente no ensino.

Essa política de construção de escolas, depois dos anos 1950 com o fim do Convênio Escolar, sempre esteve ligada a órgãos específicos devido ao “grau de especialização necessário para as atividades que envolvem essa área e pela quantidade de intervenções que acontecem simultaneamente” (FERREIRA, 1998. p.27). Dentre eles estão o Fundo Estadual de Construções Escolares em 1960, e a Companhia de Construções Escolares de São Paulo a partir de 1976. Esses foram a base de atuação e experiência de aprimoramento e relaboração do trabalho educacional para que se consolidasse em 1987 outro grande marco na política de

ensino do Estado de São Paulo: a FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação).

A FDE tem como objetivo básico a gestão da educação, encarregada pela implementação das políticas educacionais designadas pela Secretaria em cada gestão de governo, em diversas esferas como: qualificação dos profissionais, avaliação do ensino, aprimoramento do sistema pedagógico, providência de recursos físicos e normatização da estrutura educacional.

A produção arquitetônica da FDE deve ser verificada quanto aos princípios adotados nos processos de concepção das novas escolas, visto que o acervo arquitetônico paulista de cunho patrimonial mais significativo são os edifícios escolares; por isso é fundamental que sejam agregados a elas os valores e as necessidades da sociedade contemporânea para que se perdue essa tradição. (BUSSAB, 1998. p.15)

Foi em busca da adaptação do conceito dessas escolas produzidas nas décadas anteriores, que a FDE criou os concursos para os projetos das novas escolas. Isso gerou a oportunidade de jovens escritórios mostrarem o seu trabalho a serviço de uma arquitetura mais democrática, pensada desde o Movimento Moderno, adquirindo grande importância para a produção contemporânea de cunho social. Foi o caso das quatro primeiras escolas da FDE em Campinas, São Paulo, no ano de 2004, cujas principais premissas eram a modulação, o uso de materiais industrializados e a elaboração de propostas arquitetônicas diferenciadas do padrão de escolas produzidas em série anteriormente.

### 3.1 A PRODUÇÃO DA FDE

Como mais um exemplo da participação de arquitetos na solução de problemas educacionais no estado de São Paulo, as quatro escolas da FDE em Campinas se destacam pelo uso de estruturas pré-fabricadas e pela intenção de projetos que correspondessem às novas necessidades sociais (SEGAWA, 1999).

Segunda Gimenez (2005), a partir da terceirização dos projetos, as escolas ficaram sob a responsabilidade de escritórios da nova geração de arquitetos paulistas dentre eles: MMBB, Vainer e Paoliello, Andrade Morettin e Una Arquitetos. Partindo de um programa em comum, foram submetidas a uma série de condições semelhantes como a exiguidade do terreno, o uso de um sistema construtivo isostático e uma quadra poliesportiva coberta que pudesse ser utilizada pelo restante da população.

### 3.1.1 Escola MMBB

Figura 1 - Escola MMBB.



Fonte: Revista Projeto Design, n° 284, 2003.

Abrangendo 2818m<sup>2</sup> de área construída, a escola do grupo MMBB, voltada para alunos de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries, destaca-se pelo processo de apropriação em níveis, visto que com três frentes, seu terreno de 2810m<sup>2</sup> foi alvo de um trabalho topográfico que permitiu que a composição espacial pudesse ser explorada a partir da relação entre as cotas dos pavimentos.

Com uma implantação simples, o edifício tem suas faces bem distinguidas pela orientação solar. As fachadas leste e oeste são basicamente constituídas de alvenaria e cobogós. Já a norte e a sul, apresentam a estrutura pré-moldada aparente e a marcação das grandes esquadrias. O acesso se dá no nível mais baixo em frente a uma praça, enquanto o jardim de convívio fica no fundo do terreno e na maior cota.

Dessa forma, na porção frontal do edifício têm-se três pavimentos e na posterior, apenas dois. A intenção foi deixar o pavimento térreo o mais livre possível a fim de ampliar a área de convívio, além de gerar um local para recreação coberto no interior do bloco. O setor administrativo e de apoio foi instalado no térreo e com um semi-fechamento em elementos vazados. A escola também é marcada por uma estratificação espacial, permitida pelo galpão formado pela quadra que se conecta aos corredores que levam às salas de aula.

Devido à restrição da área ocupável, a verticalização foi necessária para que se pudesse obedecer à premissa de justaposição do programa. Isso ofereceu risco à situação da quadra poliesportiva quanto à dissipação acústica pelos corredores, pois foi designada para o ponto médio entre os dois blocos construídos.

O sistema construtivo se constituiu em uma malha de módulos de 7,20 metros por um vão de 10,80 metros, o que determinou toda a distribuição dos ambientes no edifício e por fim a estrutura formal do mesmo .

### 3.1.2 Escola Vainer e Paoliello

**Figura 2** - Escola Vainer e Paoliello.



Fonte: Revista ProjetoDesign, no 284, 2003.

A escola designada ao escritório Vainer e Paoliello tem de área construída cerca de 70% dos 3143 m<sup>2</sup> de um terreno relativamente regular. Seguindo o padrão modular estrutural de 7,20 por 10,80 metros, a escola se define em dois blocos delineados por um mesmo volume.

Sua implantação seguiu um modelo bem previsível, porém coerente segundo a longitudinalidade da área disponível. As maiores fachadas ficaram voltadas para o norte e sul, enquanto para o oeste foi locada a quadra poliesportiva. Um jogo de níveis possibilitou o aproveitamento do desnível natural do solo, permitindo a disposição de arquibancadas na transição entre os recintos de convívio e também no pátio externo.

Nesse projeto, a quadra foi designada para o térreo e com um distanciamento maior em relação aos corredores de aprendizado, o que melhora a qualidade acústica no interior do bloco construído. Todavia, o trecho do galpão que abriga a quadra é revestido na sua maioria por uma tela metálica – responsável pelo aspecto transparente da fachada – e é o que recebe a pior insolação.

Os espaços definidos pelo programa foram distribuídos de forma bem parecida com o projeto de MMBB: no térreo o setor administrativo e apoio, no primeiro pavimento salas de aula e multiuso e no segundo, apenas salas de aula.

Rodeada de espaços permeáveis, a escola se insere na paisagem como um prisma que tem suas superfícies alternadas entre opacidade e transparência, e volumes cheios ou vazios; determinado pela estrutura pré-fabricada que integra com uma forma paralelepípedica todos os elementos do edifício.

### **3.1.3 Escola Andrade Morettin**

Com seus 3660m<sup>2</sup> de área construída, a escola concebida por Andrade Morettin ocupa um terreno triangular de 7064m<sup>2</sup> e a segunda mais verticalizada das quatro escolas que aqui se estuda. Com o foco agora voltado para estudantes de 5<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série, a escala do edifício passa a ser de certa forma, também maior.

**Figura 3** - Escola Andrade e Morettin.



Fonte: Revista ProjetoDesign, no 284, 2003.

Nesse caso, o acesso ao pavilhão se dá por rampas e acontece pelo lado mais longo do terreno triangular, utilizando-se um recurso de meio-pavimento para poder ganhar espaço em níveis. Dessa maneira, a quadra já se posiciona diferentemente em relação às escolas anteriores: no segundo pavimento e é acessada por uma das rampas e tem um caráter de autonomia em relação às dependências de ensino. Com uma grande área permeável devido às restrições quanto à forma do terreno, as salas de aula concentram-se em uma prumada exclusiva, enquanto os compartimentos administrativos e de apoio situam-se no térreo em torno do pátio coberto pela quadra.

O edifício é estruturado espacialmente pela circulação. Além das rampas de acesso, possui uma rua interna que atravessa o bloco em sentido norte-sul, cujas fachadas se destacam por “guelras” em telhas metálicas. Assim, essas fachadas adquirem certa irregularidade em relação às demais, que são revestidas de uma veneziana translúcida difusoras da luz natural no interior do bloco.

A estrutura formal definida pelo uso do sistema modular faz com que o volume pareça hermeticamente “blindado” por uma linguagem visualmente fabril.

### 3.1.4 Escola Una Arquitetos

Figura 4 - Escola Una Arquitetos.



Fonte: Revista ProjetoDesign, no 284, 2003.

Adotando uma intencionalidade monumental, a escola com 3779m<sup>2</sup> de construção, com autoria do grupo Una Arquitetos, é a que possui o maior gabarito. Sua implantação ocorreu de forma compacta e eficiente quanto ao atendimento de um programa relativamente extenso, se aliando à proposta de qualificação do lugar a partir da integração visual do edifício com a paisagem circundante e pela apropriação da maior parte do térreo e das duas esquinas do terreno configuradas como áreas de convívio.

Ausente de compensações entre níveis, a escola abriga no térreo apenas o setor administrativo e de apoio, mas tendo o seu principal destaque quanto ao posicionamento da quadra no último pavimento, que foi definido pela restrição do terreno. Os dois pavimentos intermediários abrigam as salas de aula e multiuso.

A escola emerge do solo como um volume prismático, onde os pilares pré-fabricados funcionam também como base para o revestimento translúcido das venezianas plásticas que protegem os compartimentos do edifício nas fachadas norte e sul, que também nesse caso são as de maior comprimento. As fachadas leste e oeste constituem-se cada uma de uma empena cega que restringe claramente a dimensão espacial da arquitetura.

A circulação vertical é outro elemento de destaque da concepção formal do prédio. Composta de duas escadarias e um elevador, é situada nas extremidades leste e oeste, delimitadas pelas empenas. É aí que o volume abre-se visualmente para a cidade, fazendo dele importante elemento referencial em meio à forte homogeneidade do conjunto habitacional adjacente.

#### **4 A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO FÍSICO E AS ATIVIDADES DA ESCOLA NOVA**

Ambos os projetos atingiram o resultado por meio de uma proposta de implantação calcada na simplicidade e clareza. Apesar dos terrenos bem exíguos para um programa que exigia uma quadra poliesportiva coberta, a preocupação com a incorporação da quadra de maneira coesa pelo edifício permitiu a ampliação das áreas livres e ajardinadas que privilegiassem os recintos para o convívio entre a comunidade escolar e a população local. Por isso nota-se uma forte relação entre escola e sociedade, pois esses equipamentos obtiveram a função de ponto de encontro e catalisador das atividades sociais de um conjunto habitacional tomado pela tediosa homogeneidade urbanística.

Em consequência da rigidez do sistema pré-fabricado em se conceber a partir de módulos de 7,20 por 10,80 metros, os projetos adquiriram muita ordem e legibilidade, mostrando a regularidade das salas de aula e das demais dependências. Por essa razão, a capacidade profissional dos arquitetos em utilizar a mesma “matéria-prima” se destaca quando se obtém a identidade formal de cada edifício e apropriações espaciais bem diferenciadas entre si. Embora se trate de um sistema restrito e talvez menos flexível, que seja mais econômico e de rápida execução, o sistema pré-fabricado em questão por vezes foi camuflado com elementos que os aproximassem esteticamente da virtualidade da linguagem arquitetônica contemporânea. A adoção das “peles” translúcidas e os panos de trama metálica parecem desconfiar da eficiência visual da modulação ortogonal entre as vigas e pilares, que ficaram aparentes onde o recuo dos ambientes foi necessário para a proteção contra o sol.



Devido à determinação de uso do mesmo sistema construtivo, é notável a semelhança entre a estrutura formal e as texturas que cada edifício adquiriu. O caráter prismático tem forte referência nos seus antecedentes modernistas, porém a transparência parcial e as superfícies metalizadas atribuem à contemporaneidade necessária para identidade visual. Com exceção do projeto de MMBB que apropriou de planos coloridos e elementos vazados para o fechamento de trechos das fachadas, os demais utilizaram a dessaturação cromática dos volumes aliada à transparência, buscando a confirmação do seu caráter de elemento referencial da paisagem.

Partindo das mesmas condicionantes como terreno, programa e privilégio às áreas livres, foram obtidas respostas distintas quanto a apropriação espacial das escolas. Em todos os casos a quadra foi integrada à delimitação volumétrica do objeto arquitetônico, diferenciando-se dos exemplares comuns ao nosso cotidiano, onde se faz um galpão para a quadra em anexo ao edifício escolar. No projeto de MMBB e Vainer e Paoliello, ela foi designada no pavimento térreo, enquanto nos demais ela foi elevada, porém sem perder a premissa inicial de possibilitar o seu uso pela comunidade independentemente das atividades escolares, permitida pelas circulações verticais independentes. Por outro lado, essa incorporação da quadra se torna arriscada nos projetos de Andrade Morettin e MMBB, onde ela tem comunicação visual direta para os corredores das salas de aula e certamente pode dispersar os fluxos de atenção e de ruídos das dependências de ensino.

Apesar de não ter uma escala programática tão abrangente, as escolas da FDE assemelham-se às escolas-parque quanto aos ideais de Anísio Teixeira que, em nome da pedagogia moderna, buscou a escola como formadora do cidadão democrático; e de Hélio Duarte, representante da arquitetura moderna, que defendia a escola como ponto de reunião comunitária e convergência de interesses do bairro. Isso representa um avanço quanto a oportunidade de inclusão social que muitas vezes não existe, e uma preocupação com a qualidade espacial, mesmo com em intervenções pontuais, em setores menos favorecidos ou mais periféricos das cidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As suscetíveis mudanças sociais acabam por refletir na escola, que é o espelho da sociedade a que serve. Constantemente os pontos primordiais no qual a escola se baseia são alterados, estimulados pelas alterações de comportamento da massa, pela modificação da ordem social e pelas ânsias da civilização. Como em sua própria teoria, a escola nova segue sendo uma escola viva e dinâmica, interagindo com o mundo e sendo influenciada por ele.

Em confluência com estes fatores, podemos fazer as respectivas associações das propostas do escolanovismo com a apropriação do espaço físico escolar para o desenvolvimento das atividades. O conceito principal de ambos os projetos era a integração da escola com a sociedade, com o objetivo de estreitar essa relação. A premissa de estabelecer uma identidade formal foi mantida graças aos materiais utilizados e a maneira que ele foram empregados em cada projeto, como as grandes faces de concreto e os planos translúcidos. Assim eles se marcam como elementos referenciais da paisagem, mantendo os ideais pedagógicos de Anísio Teixeira.

O artigo, portanto, contribui pra percepção da importância que um ambiente adequado contribui no processo educacional, não só em escolas onde o conceito escolanovista esteja presente, mas em instituições educacionais que ainda carreguem consigo o modelo tradicional.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, G.A.N.; BASTOS, L.E. Qualidade de Vida nas Escolas: Produção de uma Arquitetura Fundamentada na Interação Usuário-Ambiente. In: Projeto do lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contracapa/PROARQ, 2002. p.153-160.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. A escola-parque: ou o sonho de uma educação completa (em edifícios modernos). Revista aU, no 178, 2009.

BUSSAB, Sami. Para além das pranchetas. In: Arquitetura Escolar e Política Educacional – Os programas na atual administração do Estado. São Paulo: FDE, 1998. p. 15-16.

DI GIORGI, Cristiano. Escola Nova. São Paulo: Ática, 1992. 3a Ed.

FERREIRA, A.F.; CORRÊA, M.E.P.; MELLO, M.G. Arquitetura Escolar Paulista: Restauro. São Paulo: FDE, 1998.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Arquitetura Escolar e Política Educacional – Os programas na atual administração do Estado. São Paulo: FDE, 1998.

GIMENEZ, Luiz Espallargas. As Quatro Escolas da FDE em Campinas, 2005. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/>>

LOURENÇO FILHO, M. B. Introdução ao Estudo da Escola Nova. São Paulo: Melhoramentos, 1939.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <<http://www.fde.sp.gov.br>>

TEIXEIRA, Anísio. Educação no Brasil. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

\_\_\_\_\_. Educação progressiva: Uma Introdução à Filosofia da Educação. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1954.

## ABSTRACT

The present article aims to understand the relationship between the activities in the New School with the architectural space that shelter it. For that, is necessary to make an overview of what characterizes the School Movement in its historical and political context. From there, we take four examples of educational buildings linked to the Foundation for the Development of Education (FDE), located in São Paulo, in order to analyze its architectural particularity and correlates them to the educational development of students. To do this, you will need to establish interdisciplinary pedagogy, through research and the identification of theories in the history of this discipline, with the passage of the movement and manifest of the New School and the collaboration of Teixeira to the revolution in Brazilian education. Interdisciplinary whit this, to a lesser extent, the psychology of architecture, which reveal the principles and the relationship between education, the built environment and the user, and the contradiction on the object of study, as well as studying modernist architects such as Hélio Duarte and Diogenes Rebouças, more participatory in school architecture in Brazil and also influential as Richard Neutra, and to identify the design principles and ownership of school spaces within the path of modernism. The response is consistent with the data analyzed: simple spaces, well planned and dynamic stimulate learning and create new opportunities to strengthen the link between society and school.

**Key-words:** Modern Architecture. Progressive education. Interdisciplinary.